

Rosella Postorino

# Na mesa do lobo

Um romance de dor, medo e esperança, baseado na poderosa  
história real das provadoras de comida de Hitler

Tradução  
Flavia Baggio

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Rosella Postorino, 2018  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020  
Copyright © Flavia Baggio, 2020  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *Le Assaggiatrici*

*Preparação:* Max Welcman  
*Revisão:* Marina Castro e Laura Vecchioli  
*Diagramação:* Vivian Oliveira  
*Capa:* Rafael Brum  
*Imagens de capa:* udra11/Shutterstock e David M. Schrader/Shutterstock

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Postorino, Rosella

Na mesa do lobo: um romance de dor, medo e esperança, baseado na poderosa história real das provadoras de comida de Hitler / Rosella Postorino; tradução de Flavia Baggio. – São Paulo: Academia, 2020.

272 p.

ISBN 978-65-5535-031-9

Título original: *Le Assaggiatrici*

1. Ficção italiana 2. Ficção histórica I. Título II. Baggio, Flavia

20-1801

CDD 852

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção italiana

2021

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Planeta do Brasil Ltda.  
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação  
São Paulo – SP – 01415-002  
[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



**PRIMEIRA PARTE**

Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Entramos uma de cada vez. Depois de horas de espera, em pé no corredor, precisávamos nos sentar. A sala era grande; as paredes, brancas. No meio, uma mesa de jantar de madeira comprida já estava posta para nós. Fizeram sinal para que nos sentássemos.

Sentei-me e cruzei as mãos sobre a barriga. À minha frente, um prato de cerâmica branco. Eu estava faminta.

As outras mulheres se acomodaram sem fazer barulho. Éramos dez. Algumas tinham a postura ereta e pareciam impecáveis, com os cabelos presos em um coque. Outras olhavam ao redor. A moça à minha frente tirava pedacinhos de pele dos lábios com os dentes e os triturava sob os incisivos. Tinha bochechas macias e manchadas de rosácea. Ela estava faminta.

Onze da manhã, e já estávamos famintas. Não era por causa do ar do campo ou da viagem no micro-ônibus. Aquele buraco no estômago era medo. Havia anos que sentíamos fome e medo. E, quando o perfume dos pratos chegou ao nosso nariz, o coração bateu nas têmporas e a boca se encheu de saliva. Olhei para a moça com rosácea, que parecia estar tão esfomeada quanto eu.

A vagem estava temperada na manteiga. Eu não comia manteiga desde o dia do meu casamento. O cheiro dos pimentões assados atiçava minhas narinas, meu prato transbordava, e eu só conseguia olhar para ele. Já no prato da moça à minha frente, havia arroz e ervilhas.

— Comam — disseram do canto da sala, e era mais um convite que uma ordem. Viam a vontade em nossos olhos. Bocas abertas, respiração acelerada. Hesitamos. Ninguém havia nos desejado bom apetite, então talvez eu ainda pudesse me levantar e agradecer, as galinhas naquela manhã haviam sido muito generosas, mas para mim um ovo só era o suficiente.

Contei novamente as convidadas. Éramos dez. Não era a última ceia.

— Comam — repetiram do canto da sala, mas eu já havia sugado uma vagem e havia sentido o sangue correr da raiz dos cabelos até os

dedos dos pés; senti os batimentos diminuírem. Que refeição é essa que prepararam para mim – esses pimentões estão tão doces –, que refeição é essa, servida em uma mesa de jantar de madeira, sem nem uma toalha, com cerâmicas de Aachen e dez mulheres; se estivéssemos de véu, pareceríamos freiras, um refeitório de freiras que fizeram voto de silêncio.

No começo, levávamos à boca pequenas porções, como se não fôssemos obrigadas a engolir tudo, como se pudéssemos recusar aquela comida, aquele almoço que não era destinado a nós, que chegara a nós por acaso, e por acaso éramos dignas de participar daquela refeição. Mas logo o alimento escorregou pelo esôfago, aterrissando naquele buraco do estômago, que quanto mais cheio maior fica, e mais apertamos os garfos. O *strudel* de maçã era tão gostoso que de repente meus olhos se encheram de lágrimas, tão saboroso que coloquei na boca pedaços cada vez maiores, engolindo um após o outro, até tombar a cabeça para trás para recuperar o fôlego, sob os olhos dos meus inimigos.

Minha mãe me dizia que quando se come se combate a morte. Dizia isso antes de Hitler, quando eu ia à escola elementar na Braunsteingasse, 10, em Berlim, e não havia Hitler. Ela amarrava um laço no meu uniforme, entregava-me a pasta e me pedia para prestar atenção durante o almoço, para não me engasgar. Em casa, eu tinha o hábito de falar o tempo todo, até com a boca cheia. Você fala demais, me dizia, e eu me engasgava porque me fazia rir, aquele tom de voz mágico, o seu método educativo fundado na ameaça de extinção. Era quase como se todo gesto de sobrevivência se expusesse ao risco do fim: viver era perigoso; o mundo inteiro, uma emboscada.

Quando a refeição chegou ao fim, dois SS se aproximaram, e a mulher à minha esquerda se levantou.

— Sente-se! Volte para o seu lugar!

A mulher caiu sem que ninguém a houvesse empurrado. Uma de suas tranças retorcida em caracol se soltou, balançando ligeiramente.

— Vocês não têm permissão para se levantar. Ficarão aqui, sentadas à mesa, até segunda ordem. Em silêncio. Se a comida estiver contaminada, o veneno vai entrar em circulação rapidamente. — O SS encarou uma por uma para ver nossa reação. Ninguém disse uma palavra. Depois se dirigiu mais uma vez à mulher que havia se levantado: vestia um *dirndl*,

talvez fizesse isso por consideração. — Só mais uma hora, fique tranquila — disse-lhe. — Uma hora e estarão livres.

— Ou mortas — retrucou um camarada.

Senti a caixa torácica encolher. A moça com rosácea escondeu o rosto entre as mãos, sufocando os soluços.

— Pare com isso — sussurrou a morena ao seu lado, mas naquele momento as outras também estavam chorando, como crocodilos saciados, talvez fosse um efeito da digestão.

— Posso perguntar seu nome? — eu disse em voz baixa. A moça com rosácea não entendeu que estava falando com ela. Estiquei o braço, toquei-lhe o pulso, ela se esquivou, olhou-me com uma expressão obtusa, os seus vasos sanguíneos se dividiram. — Como você se chama? — repeti. A moça levantou a cabeça em direção ao canto da sala; não sabia se tinha permissão para falar, os guardas estavam distraídos, era quase meio-dia e demonstravam um pouco de apatia. Talvez não estivessem prestando atenção ao que ela dizia, então balbuciou: — Leni, Leni Winter —, como se fosse uma pergunta, mas era seu nome. — Leni, eu sou Rosa — disse-lhe —, você vai ver que daqui a pouco vamos para casa.

Leni era bem jovem, como se podia intuir por suas articulações rechonchudas; tinha o rosto de uma moça que nunca fora tocada em um celeiro, nem mesmo na inércia exausta de um fim de colheita.

Em 1938, depois da partida de meu irmão Franz, Gregor me havia trazido para Gross-Partsch para conhecer seus pais:

— Eles vão se apaixonar por você — dizia-me, orgulhoso por haver conquistado a secretária berlinense que se tornara noiva do chefe, como num filme.

Foi bonita aquela viagem para o leste com *sidecar*. “Rumo ao leste cavalgamos”, dizia a canção. Os alto-falantes a difundiam não apenas no dia vinte de abril. Todo dia era aniversário de Hitler.

Pela primeira vez, eu pegava uma balsa e partia com um homem. Herta me acomodou no quarto do filho e o mandou dormir no sótão. Quando seus pais foram dormir, Gregor abriu a porta e se enfiou debaixo das minhas cobertas.

— Não — sussurrei, — aqui não.

— Então venha para o celeiro.

Meus olhos ficaram embaçados.

— Não posso, e se sua mãe desconfiar?

Nunca havíamos feito amor. Eu nunca havia feito com ninguém.

Gregor acariciou-me os lábios bem devagar, desenhou seu contorno, depois começou a apertá-los cada vez mais forte com as pontas dos dedos, até descobrir os dentes, abrir minha boca e colocar os dois dedos dentro. Senti-os secos na minha língua. Eu poderia ter fechado a mandíbula, tê-lo mordido, mas Gregor nem havia pensado nisso. Sempre confiara em mim.

Na madrugada, não resisti, subi até o sótão e abri a porta. Gregor dormia. Encostei meus lábios entreabertos nos seus para misturar as respirações, e ele acordou.

— Queria saber que cheiro tenho quando estou dormindo? — disse-me, sorrindo.

Coloquei um, depois dois, depois três dedos em sua boca, senti-a enchendo-se, a saliva me molhando. O amor era isto: uma boca que não morde. Ou a possibilidade de uma mordida de traição, como um cachorro que se rebela contra o dono.

Eu usava um colar de pedras vermelhas quando, durante a viagem de volta, ele agarrou minha nuca. Não aconteceu no celeiro de seus pais, mas em uma cabine sem janela.

— Preciso sair — murmurou Leni. Só eu escutei.

A mulher morena ao seu lado tinha as maçãs do rosto ossudas, os cabelos brilhantes e um olhar duro.

— Shhh. — Acaricie o pulso de Leni; dessa vez ela não se esquivou.

— Faltam vinte minutos, está quase acabando.

— Preciso sair — insistiu.

A morena olhou-a de lado:

— Você não quer mesmo ficar quieta, né? — disse, puxando-a.

— Mas o que você está fazendo? — quase gritei.

Os SS se voltaram na minha direção.

— O que está acontecendo?

Todas as mulheres se voltaram para mim.

— Por favor — disse Leni.

Um SS parou na minha frente. Pegou em seu braço e lhe disse alguma coisa no ouvido, alguma coisa que não ouvi, mas que fez seu rosto contrair-se até desfigurá-lo.

— Está passando mal? — perguntou outro guarda.

A mulher com o *dirndl* levantou-se em um pulo:

— O veneno!

As outras também se levantaram; enquanto Leni sentia ânsia, o SS só teve tempo de se afastar. Leni vomitou no chão. Os guardas saíram correndo, chamaram o cozinheiro, o interrogaram: o Führer tinha razão, os ingleses queriam envenená-lo. As mulheres se abraçaram, outras choraram contra a parede, a morena caminhava para trás e para a frente com as mãos na cintura, fazia um barulho estranho com o nariz. Aproximei-me de Leni e apertei sua testa.

As mulheres colocavam as mãos no estômago, mas não porque sentiam dor. Elas haviam saciado a fome, e não estavam acostumadas com isso.

Prenderam-nos ali por mais de uma hora. O chão foi limpo com jornais e um pano úmido, mas ainda ficou um cheiro azedo. Leni não morreu, apenas parou de tremer. Depois adormeceu com a mão segurando a minha e a bochecha sobre o braço, apoiada na mesa; parecia uma menina. Eu sentia o estômago revirando e queimando, mas estava cansada demais para me importar.

Gregor se alistou. Ele não era nazista, nunca fomos nazistas. Quando era menina, eu não queria entrar na Liga das Moças Alemãs, não gostava do lenço preto que passava por baixo da gola da camisa branca. Nunca fui uma boa alemã.

Quando o tempo opaco e imensurável da nossa digestão fez tocar novamente o alarme, os guardas acordaram Leni e nos colocaram em fila para o micro-ônibus que nos levaria de volta para casa. O meu estômago não revirava mais: deixara a comida se acomodar. O meu corpo havia absorvido a comida do Führer, a comida do Führer circulava no meu sangue. Hitler estava salvo. Eu estava faminta novamente.

Entre as paredes brancas do refeitório, naquele dia me tornei uma provadora de Hitler.

Era outono de 1943, eu tinha vinte e seis anos, cinquenta horas de viagem, setecentos quilômetros de bagagem. De Berlim, vim para a Prússia Oriental, o lugar onde Gregor nasceu, mas Gregor não estava ali. Para fugir da guerra, havia me mudado para Gross-Partsch fazia uma semana.

Eles apareceram no dia anterior na casa dos meus sogros, sem avisar, procurando por Rosa Sauer. Não os escutei porque estava no quintal de trás. Não ouvi nem o barulho do jipe que estacionava na frente da casa, mas vi as galinhas correrem para o galinheiro, amontoando-se umas sobre as outras.

— Estão te procurando — disse Herta.

— Quem?

Ela se virou sem responder. Chamei Zart, não veio: era um gato do mundo, de manhã ia passear pela vila. Depois segui Herta, pensando em quem me procurava: *Aqui ninguém me conhece, acabei de chegar, meu Deus, será que Gregor voltou?*

— Meu marido voltou? — perguntei, mas Herta estava na cozinha, de costas para a porta, bloqueando a luz. Joseph também estava em pé, uma mão apoiada na mesa, a postura inclinada.

— Heil Hitler! — duas silhuetas lançaram o braço direito na minha direção.

Eu levantei o meu braço também, ultrapassando a soleira. A sombra de seus rostos não estava muito nítida. Na cozinha, havia dois homens em uniformes verde-acinzentado.

— Rosa Sauer — disse um deles. Acenei com a cabeça. — O Führer precisa de você.

Nunca tinha me visto, o Führer. Mas precisava de mim.

Herta enxugou as mãos no avental e o SS continuou falando, se dirigia a mim, olhava só para mim, me encarava avaliando o meu valor

como mão de obra de constituição saudável e robusta; é verdade que a fome tinha me deixado um pouco debilitada, as sirenes noturnas me haviam roubado o sono, a perda de tudo, de todos me havia arruinado os olhos. Mas o rosto estava redondo, os cabelos, volumosos e loiros: uma jovem mulher ariana já domada pela guerra, é ver para crer, produto cem por cento nacional, um ótimo negócio.

O SS retirou-se.

— Podemos oferecer-lhes alguma coisa? — perguntou Herta com imperdoável atraso. As pessoas do campo não sabem acolher os hóspedes importantes. Joseph endireitou a postura.

— Estaremos aqui amanhã às oito da manhã, esteja pronta — disse o SS que até aquele momento não havia dito nada, e se retirou.

Os Schutzstaffel faziam cerimônia, ou não gostavam de café de bolota torrada, mas talvez tivesse vinho, uma garrafa conservada na adega para quando Gregor retornasse, o fato é que não haviam levado em consideração o convite de Herta: que era, aliás, tardio, precisamos admitir. Ou seria apenas porque não queriam ceder ao vício, fortalecendo o corpo com renúncia: o vício enfraquece, e eles tinham força de vontade. Gritaram “Heil Hitler” levantando o braço – apontavam para mim.

Quando o automóvel partiu, aproximei-me da janela. As faixas das rodas sob o cascalho traçavam o caminho para a minha condenação. Fui até outra janela, em um outro cômodo, indo de um lado da casa para o outro, em busca de ar, de uma escapatória. Herta e Joseph me seguiam. *Por favor, me deixem raciocinar. Me deixem respirar.*

Pelo que os SS disseram, foi o prefeito que indicou meu nome. O prefeito de uma cidadezinha no campo conhece todo mundo, até mesmo os recém-chegados.

— Precisamos encontrar uma forma — Joseph segurou a barba, apertando-a tanto como se dali pudesse arrancar uma solução.

Trabalhar para Hitler, sacrificar a vida por ele: não era isso que faziam todos os alemães? Mas e se ingerisse comida envenenada e morresse assim, sem nem um disparo de fuzil, sem uma explosão? Joseph não o aceitava. Uma morte na surdina, fora de cena. Uma morte de rato, não de herói. As mulheres não morrem como heroínas.

— Preciso ir embora daqui.

Aproximei o rosto do vidro; tentava respirar fundo, mas uma pontada na clavícula me interrompia toda vez. Trocava de janela. Uma pontada na costela, a respiração não conseguia sair.

— Eu vim para cá para melhorar e em vez disso corro o risco de morrer envenenada — ri amargamente: uma censura dirigida para meus sogros, mesmo que não houvessem dado meu nome aos SS.

— Você precisa se esconder — disse Joseph —, se refugiar em algum lugar.

— Na floresta — sugeriu Herta.

— Na floresta onde? Para morrer de frio e de fome?

— Nós te levaremos comida.

— É claro — confirmou Joseph —, não vamos te abandonar.

— E se eles me procurarem?

Herta olhou para seu marido.

— Você acha que eles voltarão a procurá-la?

— Eles não aceitarão bem esse “não” ... — Joseph não se descontrolou.

Eu era uma desertora sem exército, sentia-me ridícula.

— Você pode voltar para Berlim — propôs.

— Sim, você pode voltar para casa — rebateu Herta —, não vão te seguir até lá.

— Eu não tenho mais casa em Berlim, lembra? Se eu não tivesse sido obrigada, nunca teria vindo para cá.

A feição de Herta endureceu. Em um segundo eu havia rompido todo o pudor relativo aos nossos papéis, à escassa convivência que tínhamos uma com a outra.

— Me desculpe, eu não quis dizer...

— Deixa para lá — ela interrompeu.

Eu faltei ao respeito com ela, mas, ao mesmo tempo, escancarei a porta da confiança entre nós. Eu a senti tão perto que tive vontade de me agarrar nela: *fique comigo, cuide de mim*.

— E vocês? — perguntei. — Se eles vierem e não me encontrarem, e se eles descontarem em vocês?

— Nós nos viramos — respondeu Herta, e se afastou.

— O que você quer fazer? — Joseph havia soltado a barba, a solução não estava ali.

Eu preferia morrer em um lugar estrangeiro a morrer na minha cidade, onde eu não tinha mais ninguém.

No segundo dia como provadora, levantei-me ao alvorecer. O galo cantou e as rãs pararam de repente de coaxar, como se todas houvessem caído juntas no sono; então me senti sozinha, depois de uma noite inteira acordada. No reflexo da janela, vi os círculos em volta dos meus olhos, e me reconheci. Não era culpa da insônia, ou da guerra, aqueles sulcos escuros sempre estiveram presentes em meu rosto. Minha mãe dizia: “Fecha esses livros, olha essa cara”, meu pai dizia: “Será que ela não tem carência de ferro, doutor?”. E meu irmão esfregava a minha testa na sua porque aquele deslizar de seda o fazia pegar no sono. No reflexo da janela vi os mesmos olhos com os círculos em volta de quando era criança, e senti que era um presságio.

Saí para procurar Zart, que cochilava encolhido ao lado da cerca do galinheiro como se fosse responsável pelas galinhas. Aliás, não é prudente deixar senhoras sozinhas – Zart era um macho das antigas. Gregor, ao contrário, fora embora, queria ser um bom alemão, não um bom marido.

Na primeira vez que saímos juntos, ele combinou de me encontrar em frente a um café perto da catedral e chegou atrasado. Nos sentamos em uma mesinha na parte de fora, o ar estava um pouco frio apesar do sol. Eu me encantei decifrando no coro dos pássaros um motivo musical, e em seu voo, uma coreografia feita especialmente para mim, para aquele momento que finalmente chegara e se assemelhava ao amor, como eu esperava desde muito nova. Um pássaro se destacou do bando, sozinho e corajoso, descia de bico até quase mergulhar no rio Spree, tocando ligeiramente a água com as asas estendidas, e de repente subia novamente: era apenas um improvisado desejo de fuga, uma brecha de inconsciência, o gesto impulsivo de uma euforia que entorpecia. Eu sentia aquela euforia queimando em minhas panturrilhas. De frente para o meu chefe, o jovem engenheiro sentado no bar comigo, eu me descobria eufórica. A felicidade estava apenas começando.

Eu havia pedido um pedaço de torta de maçã e nem havia experimentado ainda. Gregor apontou:

— Você não gosta?

Eu ri:

— Eu não sei.

Aproximei o prato dele para que a comesse e, quando o vi engolir a primeira mordida, mastigando rapidamente, com um entusiasmo rotineiro, senti vontade também. Então peguei um pedacinho, depois outro, depois outro, nos vimos comendo no mesmo prato, conversando sem nem ter um assunto de verdade, sem nos olharmos, como se aquela intimidade já fosse demais, até que nossos garfos se cruzaram. Naquele instante, paramos, levantamos a cabeça. Ficamos nos olhando por muito tempo, enquanto os pássaros continuavam a dar voltas ou se empoleiravam cansados nos galhos, nas balaustradas, nas lâmpadas das ruas, ou quem sabe apontavam o bico para o rio para atirarem-se na água e nunca mais emergirem. Depois Gregor encostou seu garfo no meu de propósito, e foi como se ele me tocasse.

Herta veio pegar os ovos mais tarde que o habitual: talvez houvesse passado a noite acordada também e não conseguira levantar-se. Encontrou-me imóvel na cadeira enferrujada, Zart em cima dos meus pés; sentou-se ao meu lado, esquecendo-se do café da manhã. A porta rangeu.

— Já estão aqui? — perguntou Herta.

Joseph, encostado no batente, fez sinal de não.

— Os ovos — disse, apontando o indicador na direção da eira.

Zart foi atrás dele, caminhado um pouco torto; senti falta do seu calor. O clarão da alvorada já havia se retirado como uma ressaca, despindo o céu da manhã: pálido, sem vida. As galinhas começaram a bater as asas, os pássaros, a cantar e as abelhas, a zumbir contra aquela luz de causar dor de cabeça, mas o ruído do freio de um veículo os silenciou.

— Levante-se, Rosa Sauer! — ouvimos gritarem.

Herta e eu ficamos de pé em um pulo, Joseph voltou com os ovos que apanhara nas mãos. Ele não percebeu que os havia apertado um pouco forte, e quebraram-se entre seus dedos, nos quais se entrecruzavam viscosos filetes cor de laranja brilhante. Não pude deixar de seguir o caminho que faziam: soltaram-se da pele e tocaram o chão sem fazer barulho.

— Rápido, Rosa Sauer! — insistiram os SS.

Herta apertou minhas costas, e me mexi. Preferia esperar Gregor voltar. Acreditar no fim da guerra. Preferia comer.

No micro-ônibus, dei uma olhada rápida e me ajeitei no primeiro lugar livre, longe das outras mulheres. Havia quatro: duas estavam sentadas perto uma da outra e as outras estavam cada uma por si. Não me lembrava de seus nomes. Sabia só o de Leni, que ainda não estava ali.

Ninguém respondeu ao meu bom-dia. Olhei Herta e Joseph do lado de lá da janela manchada pela chuva. Da porta, ela levantava o braço apesar da artrose, ele tinha um ovo quebrado nas mãos. Olhei a casa – as telhas escuras de musgo, o reboco rosa e as flores de valeriana crescidas em tufos pelo terreno vazio – até desaparecer atrás da curva. Eu me lembraria da vista dessa casa todas as manhãs, como se não fosse mais vê-la. Mas logo isso deixaria de ser um pesar.

O quartel-general de Rastenburg ficava a três quilômetros de Gross-Parts, escondido na floresta e invisível de cima. Quando os operários começaram a construí-lo, contava Joseph, as pessoas dos arredores se perguntavam sobre aquele vaivém de furgões e caminhões. Os aviões militares soviéticos nunca o haviam localizado. Mas nós sabíamos que Hitler estava ali, que dormia não muito longe, e talvez no verão se revirasse na cama tentando matar os pernilongos que atrapalhavam seu sono; talvez ele também coçasse as picadas vermelhas, vencido pelo desejo conflitante que a coceira gera: embora não suporte aquele arquipélago de calombos na pele, uma parte de você não quer se curar, porque é muito intenso o alívio de se coçar.

Chamavam-na de Wolfsschanze, Toca do Lobo. Lobo era o seu apelido. Ingênua como a Chapeuzinho Vermelho, vim parar na sua barriga. Uma legião de caçadores o procurava. Se o tivessem em mãos, acabariam comigo também.

Chegando a Krausendorf, em frente à escola de tijolos vermelhos feita de quartel militar, nos encaminhamos em fila, uma atrás da outra. Atravessamos a entrada com a docilidade das vacas, os SS nos pararam no corredor, nos revistaram. Era horrível sentir suas mãos demorando-se em nossas cinturas, debaixo das axilas, e não poder fazer nada a não ser prender a respiração.

Respondemos à chamada enquanto assinávamos um registro; descobri que a morena que tinha puxado Leni se chamava Elfriede Kuhn. Fizemos-nos entrar duas por vez em uma sala que tinha cheiro de álcool; as outras ficaram lá fora, esperando sua vez. Apoiei o cotovelo na carteira escolar; um homem de jaleco branco amarrou bem apertado o torniquete e deu batidinhas na pele com o indicador e o médio unidos. A coleta de sangue sancionou definitivamente nosso *status* de cobaias: se no dia anterior poderia ter parecido uma inauguração, uma prova geral, a partir daquele momento a nossa atividade de provadoras se tornava obrigatória.

Quando a agulha furou minha veia, me virei para o outro lado. Elfriede estava do meu lado, absorta pela agulha que lhe sugava o sangue e se enchia de um vermelho cada vez mais escuro. Nunca consegui olhar meu sangue: reconhecer aquele líquido escuro como uma coisa que vem do meu interior me dá vertigem. Assim, olhava para ela, com sua postura de eixo cartesiano, sua indiferença. Sentia a beleza de Elfriede, mas não conseguia vê-la ainda – um teorema matemático prestes e ser resolvido.

Antes de que me desse conta, seu perfil se transformou em um rosto severo que me encarava. Abriu as narinas, como se o ar não lhe bastasse, e eu abri a boca para recuperar o fôlego. Não disse nada.

— Mantenha pressionado — advertiu o sujeito de jaleco, esmagando um chumaço de algodão sobre minha pele.

Ouvi o torniquete liberar Elfriede com um estalo e sua cadeira que arrastava no chão. Também me levantei.

No refeitório esperei as outras se sentarem. A maioria tendia a ocupar a mesma cadeira do dia anterior; a de frente para Leni ficara livre, então era minha.

Depois do café da manhã – leite e fruta – nos serviram o almoço. No meu prato, uma torta de aspargos. Com o tempo, eu perceberia que administrar combinações diferentes de comida a grupos diferentes era mais um procedimento de controle.

Estudei o cômodo do refeitório – as janelas com grades de ferro, a saída constantemente vigiada por um guarda, as paredes sem nenhum quadro – como se estuda um ambiente desconhecido. No primeiro dia de escola, quando minha mãe me deixou na classe e foi embora, o pensamento de que poderia acontecer algo de ruim comigo sem que ela soubesse me enchia de tristeza.

O que me comovia não era tanto a ameaça do mundo sobre mim, mas a impotência de minha mãe. Que minha vida passasse sem que ela soubesse me parecia inaceitável. Tudo que ficava escondido dela, mesmo que não fosse de propósito, já era uma traição. Na classe, eu havia procurado uma rachadura na parede, uma teia de aranha, uma coisa que pudesse ser o meu segredo. Os olhos vagaram pela sala, que parecia enorme; depois acabei notando um pedaço de rodapé que estava faltando e me acalmei.

No refeitório de Krausendorf, os rodapés estavam inteiros. Gregor não estava ali, e eu estava sozinha. As botas dos SS ditavam o ritmo da refeição, fazendo a contagem regressiva da nossa morte horrível. Que iguaria esses aspargos, mas o veneno não é amargo? Eu engolia e o coração parava.

Elfriede também comia aspargos, e me observava; eu bebia um copo de água atrás do outro para diluir a angústia. Talvez fosse o meu vestido que a intrigava, talvez Herta tivesse razão, com aquela fantasia xadrez eu estivesse deslocada, eu não estava indo para o escritório, não trabalhava mais em Berlim, “tire esse ar da cidade”, havia dito minha sogra, “ou todos vão te olhar torto”. Elfriede não me olhava torto, ou talvez sim, mas eu tinha colocado a minha roupa mais confortável, a mais usada – o uniforme, como a chamava Gregor.

Com aquela roupa não precisava perguntar nada, nem se me caía bem nem se me traria sorte; era um abrigo, também para Elfriede,

que me interrogava e não se preocupava em esconder, vasculhava os quadrados do xadrez com tal veemência que os fazia saltar, com tal veemência que fazia desfiar a barra, desamarrar os cadarços dos meus sapatos de salto alto, desmanchar a onda que meus cabelos desenhavam sob meu rosto, enquanto eu continuava bebendo, e sentia a bexiga se enchendo.

O almoço não havia terminado ainda, e eu não sabia se era permitido sair da mesa. Minha bexiga estava doendo, como na adega de Budengasse, onde minha mãe e eu nos refugiamos de madrugada com os outros condôminos, quando começaram os alarmes. Mas aqui não havia um balde no canto, e eu não conseguia segurar. Antes mesmo que eu decidisse, me levantei e pedi para ir ao banheiro. Os SS consentiram; enquanto um homem muito alto e com os pés muito compridos me escoltava no corredor, ouvi a voz de Elfriede:

— Eu também preciso.

Os azulejos estavam gastos, os rejuntas, escuros. Duas pias e quatro portas. O SS ficou de guarda no corredor, entramos, me escondi em um dos gabinetes. Não ouvi nenhuma outra porta se fechando nem água escorrendo. Elfriede tinha ido embora, ou se pôs a escutar. O barulho do meu xixi me humilhou. Quando abri a porta, ela a segurou com a ponta do sapato. Pôs uma das mãos no meu ombro, colocando-me contra a parede. Os azulejos tinham cheiro de desinfetante. Aproximou seu rosto do meu, quase com doçura.

— O que você quer? — me perguntou.

— Eu?

— Por que estava me olhando durante a coleta?

Tentei me soltar, mas ela me impediu.

— Te aconselho a pensar nas suas coisas. Aqui dentro, é melhor que cada uma pense nas próprias coisas.

— É que não suporto olhar meu sangue.

— Mas o sangue dos outros você suporta?

Um ruído metálico na madeira nos fez estremecer: Elfriede recuou.

— O que vocês estão tramando? — perguntou de fora o SS, depois entrou. Os azulejos estavam úmidos e frios, ou era o suor nas minhas costas. — Estão confabulando? — Ele vestia botas enormes, perfeitas para esmagar cabeças de cobras.

— Eu tive uma tontura, deve ser por causa da coleta de sangue — murmurei, tocando a picadinha vermelha na articulação do cotovelo, em cima da veia saltada. — Ela me socorreu. Agora estou melhor.

O guarda avisou que, se nos pegasse mais uma vez em atitudes íntimas, nos daria uma lição.

— Aliás, não, eu vou aproveitar — disse. E, naquele momento, inesperadamente, riu.

Voltamos ao refeitório, enquanto o Varapau controlava nossos passos. Ele estava errado. Não era intimidade entre Elfriede e mim, era medo. Medíamos os outros e o espaço ao nosso redor com o mesmo terror inconsciente daqueles que acabaram de chegar ao mundo.

De noite, no banheiro da casa Sauer, o cheiro de aspargos que exalava da minha urina me fez pensar em Elfriede. Provavelmente ela, sentada no vaso, sentia o mesmo cheiro. E Hitler também, em seu *bunker* em Wolfsschanze. Naquela noite, a urina de Hitler fedia como a minha.



Planeta

Nasci em vinte e sete de dezembro de 1917, onze meses antes de terminar o que chamariam de “a Grande Guerra”. Um presente de Natal atrasado. Minha mãe me dizia que Papai Noel tinha se esquecido de mim, depois me ouviu gritando no trenó, tão embrulhada nos cobertores que nem dava para me ver, e voltou para Berlim contra sua vontade: suas férias tinham acabado de começar e aquela entrega não programada era um incômodo.

— Ainda bem que ele percebeu — dizia papai —, naquele ano você foi o nosso único presente.

Meu pai era ferroviário, minha mãe, costureira. O chão da sala estava sempre coberto de novelos e linhas de todas as cores. Minha mãe lambia as pontas para colocar na agulha com mais facilidade, eu a imitava. Escondida, sugava o pedaço de linha e brincava com a língua testando sua consistência no palato; depois, quando virava um caroço molhado, não conseguia resistir à ideia de engolir e descobrir se, uma vez dentro de mim, me mataria. Passava os minutos sucessivos tentando adivinhar os sinais da minha morte iminente, mas, como não morria, acabava esquecendo. Porém guardava o segredo assim mesmo, e depois de madrugada me lembrava, certa de que a hora tinha chegado. O jogo da morte começou muito cedo. Eu não contava nada a ninguém.

De noite meu pai ouvia rádio, enquanto minha mãe varria as linhas jogadas no chão e ia para a cama com o *Deutsche Allgemeine Zeitung* aberto, ansiosa para ler um novo episódio do seu romance de folhetim preferido. Minha infância foi assim, o vapor nos vidros das janelas que davam para o Budengasse, as tabuadas decoradas antes do tempo, a estrada para a escola a pé com os sapatos muito grandes e depois muito apertados, as formigas decapitadas com a unha, os domingos em que, no ambão, mamãe lia os salmos, papai, as Epístolas aos Coríntios, e eu os escutava do banco, orgulhosa ou entediada, uma moeda de um Pfennig escondida na boca – o metal era salgado, pinicava, fechava os olhos de

prazer, com a língua a empurrava até a entrada da garganta, cada vez mais equilibrada, pronta para rolar, depois a cuspiu de uma vez.

Minha infância foram os livros debaixo do travesseiro, as rimas que costumava cantar com meu pai, cabra-cega na praça, o Stollen no Natal, os passeios ao Tiergarten, o dia em que apareci diante do berço de Franz, escorreguei entre os dentes sua mãozinha e a mordi, forte. Meu irmão gritou como os recém-nascidos sempre gritam quando acordam, ninguém ficou sabendo o que eu fiz.

Foi uma infância cheia de culpas e de segredos, e eu estava muito empenhada em escondê-los para perceber os outros. Não me perguntava onde meus pais arranjavam leite, que custava centenas, depois milhares de marcos, se assaltavam os mercados desafiando a polícia. Nem, anos depois, me perguntei se eles também se sentiram humilhados com o Tratado de Versalhes, se odiavam os Estados Unidos como todos, se se sentiam injustamente condenados por serem culpados de uma guerra da qual meu pai havia participado – passou uma madrugada inteira dentro de um buraco com um francês, e, a um certo ponto, pegou no sono ao lado do cadáver.

Naquele tempo em que a Alemanha era um amontoado de feridas, minha mãe lambia a ponta da linha com os lábios puxados e ficava com uma cara de tartaruga que me fazia rir, meu pai escutava rádio depois do trabalho fumando cigarros Juno e Franz cochilava no berço com o braço dobrado e a mão perto da orelha, os pequenos dedos fechados na palma da mão de carne macia.

No quarto, eu fazia o inventário das minhas culpas e dos meus segredos, e não sentia nenhum remorso.

— Não entendo nada — resmungou Leni. Estávamos sentadas à mesa desfeita do refeitório após o jantar, com os livros abertos e os lápis que os guardas nos deram. — Tem muitas palavras difíceis.

— Por exemplo?

— Alima, não, amila, espera — Leni consultou uma página —, amilase salivar, ou aquela outra, pepsi, hum, pep-sino-gênio.

Uma semana depois do primeiro dia, o cozinheiro veio ao refeitório e distribuiu uma série de textos sobre alimentação, nos convidando a ler: a nossa tarefa era muito séria, disse, e deveria ser executada com rigor. Apresentou-se como Otto Günther, mas nós sabíamos que todos o chamavam Krümel, Migalha. Os SS, quando diziam seu nome, se referiam a ele dessa forma, talvez porque fosse baixo e franzino. Quando chegávamos ao quartel, ele já estava com seu pessoal cuidando do café da manhã, que tomávamos imediatamente, enquanto Hitler tomava em torno das dez, depois de ter tido notícias da frente. Em seguida, por volta das onze, comíamos o que ele iria comer no almoço. Terminada a hora de espera, nos levavam para casa, mas às cinco da tarde vinham nos buscar para nos fazer provar o jantar.

Na manhã em que Krümel nos entregara os livros, uma mulher tinha folheado algumas páginas e bufado sacudindo os ombros. Tinha ombros largos, quadrados, desproporcionais se comparados aos tornozelos finos descobertos pela saia preta. Chamava-se Augustine. Já Leni estava pálida como se lhe houvessem anunciado alguma prova iminente e ela tivesse a certeza de que não iria superá-la. Para mim era uma espécie de consolação: não que eu achasse útil memorizar as fases do processo digestivo, nem que quisesse fazer bonito com isso. Aqueles esquemas, as tabelas, eram uma forma de lazer. Eu podia me reconhecer no meu antigo gosto pelo aprendizado a ponto de me iludir que não iria me perder.

— Eu não aguento mais — disse Leni. — Você acha que vão perguntar coisas para nós?

— Os guardas que ficam sentados nas cadeiras e nos dão notas? Sério? — eu disse, sorrindo para ela.

Ela não retribuiu.

— Será que o médico na próxima coleta nos perguntará algo difícil?

— Seria divertido.

— O que tem de divertido?

— Para mim parece que podemos espiar as tripas de Hitler — eu disse, com uma alegria incompreensível. — Se fizermos um cálculo aproximado, podemos até deduzir em qual momento o seu esfíncter vai se dilatar.

— É nojento!

Não era nojento, era humano. Adolf Hitler era um ser humano que fazia digestão.

— A professora terminou a aula? Não, só para saber. Assim, quando a conferência terminar, vamos aplaudir.

Foi Augustine quem falou, a mulher vestida de preto e com os ombros quadrados. Os guardas não nos mandaram ficar quietas. Por vontade do cozinheiro, o refeitório tinha assumido de novo uma aparência de sala de aula, e aquela vontade deveria ser respeitada.

— Me desculpe — eu disse, abaixando a cabeça —, não queria incomodar.

— Nós sabemos que você estudou na cidade.

— E o que importa pra você onde ela estudou? — interveio Ulla. — Agora ela está aqui, comendo como nós: pratos deliciosos, pelo amor de Deus, temperados com apenas um toque de veneno — riu sozinha.

A cintura fina, os seios altos, Ulla era um pedaço de mau caminho, assim a chamavam os SS. Recortava fotos de atrizes das revistas e colava em um caderno, às vezes o folheava apontando uma por uma: as bochechas de porcelana de Anny Ondra, que havia se casado com Max Schmeling, o boxeador; os lábios de Ilse Werner: macios e carnudos, que enrolados assobiavam na rádio o refrão de “Sing ein Lied wenn Du mal traurig bist” – porque bastava uma música para não se sentir triste e sozinho, era preciso dizer isso aos soldados alemães; mas a preferida de Ulla era Zarah Leander, com as sobancelhas de asa de gaivota e o pega-rapaz na moldura do rosto no filme *Habanera*.

— Faz bem de vir assim toda elegante para o quartel — ela me disse. Eu estava com um vestido vinho com gola francesa e mangas bufantes,

minha mãe que tinha costurado. — Se você morrer, pelo menos já está com roupa boa. Nem vão precisar te arrumar.

— Por que vocês continuam falando coisas horríveis? — protestou Leni.

Herta tinha razão, as moças estavam incomodadas com minha aparência. Não apenas Elfriede, que no segundo dia havia vasculhado o xadrez do meu vestido e naquele momento lia com as costas na parede e o lápis entre os lábios como se fosse um cigarro apagado. Parecia que lhe era pesado ficar sentada. Parecia sempre estar prestes a ir embora.

— Você gosta desse vestido?

Ulla hesitou, mas depois me respondeu.

— Está um pouco castigado, mas tem um corte quase parisiense. É sempre melhor do que os *dirndl* que Frau Goebbels quer nos fazer usar — abaixou a voz — e que ela usa — acrescentou, apontando com os olhos a minha vizinha de lugar, aquela que no final do primeiro almoço havia levantado. Gertrude não a escutou.

— Ah, quanta besteira — Augustine bateu as mãos na mesa quase para pegar impulso e se afastou. Ela não sabia como fechar aquela saída teatral da conversa, ocorreu-lhe de aproximar-se de Elfriede. Mas ela não tirou os olhos do manual.

— Então, você gosta ou não? — repeti.

Como se lhe custasse, Ulla admitiu:

— Sim.

— Certo, te dou de presente.

Uma pancada fraca me fez levantar a cabeça. Elfriede havia fechado o livro e cruzado os braços, com o lápis ainda na boca.

— Vai fazer o quê? Se despir como São Francisco bem na frente de todo mundo e dar o vestido para ela? — Augustine riu, procurando o apoio de Elfriede. Ela permaneceu impassível.

Aproximei-me de Ulla:

— Te trago amanhã, se você quiser. Na verdade, no tempo de lavá-lo.

Um burburinho se propagou pela sala. Elfriede desencostou-se da parede e sentou-se na minha frente. Deixou cair ruidosamente o manual em cima da mesa, apoiou os dedos nele, batendo-os sobre a capa enquanto me encarava. Augustine a seguiu, certa de que de uma hora para outra emitiria uma sentença para mim, mas Elfriede ficou calada, os dedos parados.

— Veio de Berlim para nos dar esmolas — Augustine acrescentou —, aulas de Biologia e caridade cristã: faz questão de nos mostrar que é melhor do que nós.

— Eu quero — disse Ulla.

— Será seu — lhe respondi.

Augustine estalou a língua. Depois descobri que sempre fazia assim quando queria expressar que discordava de algo.

— Mas que inferno...

— Em fila! — ordenaram os guardas. — A hora já terminou.

As moças levantaram-se com pressa. Augustine amava seu teatrinho, mas o desejo de deixar o refeitório era mais forte; por hoje também voltaríamos para casa sãs e salvas.

Enquanto eu ia para a fila, Ulla tocou levemente meu cotovelo.

— Obrigada — ela disse, e correu para frente.

Elfriede estava atrás de mim:

— Não é um colégio feminino berlinense. É um quartel.

— Pense nas suas coisas — rebati, com minha nuca já queimando.

— Foi você que me ensinou, né? — parecia mais uma desculpa que uma provocação.

Eu queria agradecer Elfriede, e não a ferir, mas não sabia por quê.

— De qualquer forma — disse ela —, a pequeninha tem razão: naqueles livros não há nada de bom. A menos que você goste de ser instruída sobre os sintomas causados pelos vários tipos de envenenamento. Se preparar para a morte lhe dá prazer?

Continuei caminhando sem responder.

Naquela mesma noite lavei o vestido vinho para Ulla. Dá-lo de presente não era um ato de generosidade, nem um modo de conquistar sua simpatia. Vê-lo nela seria como transferir a Gross-Partsches a minha vida na capital, e, então, dissipá-la. Era resignação.

Três dias depois, levei-o para ela, seco e passado, embrulhado em folhas de jornal. Nunca a vi usando no refeitório.

Herta tirou minha medidas e ajustou algumas peças do seu guarda-roupa para que eu pudesse usar, apertando na cintura e encurtando um pouco por insistência minha: é a moda, eu explicava, a moda de Berlim, ela replicava, com os alfinetes entre os lábios como minha mãe e sem nenhuma linha no chão da sua casa de campo.

Coloquei o vestido xadrez no armário que fora de Gregor, junto de todas as minhas roupas de trabalho. Os sapatos eram os mesmos. — Onde você vai com esses saltos? — advertia Herta, mas só com eles reconhecia meus passos, por mais incertos que houvessem se tornado. Nas manhãs mais nebulosas, tinha vontade de agarrar o cabide com raiva, não havia nenhum motivo para me confundirem com as provadoras, eu não tinha nada a ver com elas, por que eu precisava aceitar?

Depois encarava as minhas olheiras no espelho e a raiva se transformava em desânimo. Mantinha o vestido xadrez no escuro do armário e fechava a porta. Aquelas olheiras eram um aviso, e eu não soube entendê-lo, para antecipar o destino, pará-lo no meio do caminho. Agora que aquela temida prostração havia chegado, estava claro que não havia mais espaço para a menina que cantava no coral da escola, que patinava de tarde com as amigas, que lhes passava as lições de geometria. Não havia mais a secretária que havia feito o chefe perder a cabeça, mas uma mulher que a guerra havia envelhecido de repente, porque assim estava escrito em seu sangue.

Na noite de março de 1943 em que meu destino mudou de direção, a sirene começou com o gemido usual, um mínimo de aceleração inicial após o impulso, o tempo de minha mãe sair da cama:

— Levante-se, Rosa! — chamava-me. — Estão bombardeando.

Desde a noite em que meu pai morreu, eu dormia em seu antigo lugar para ficar com ela. Éramos duas mulheres adultas, as duas haviam conhecido a vida cotidiana do leito conjugal e a haviam perdido, o cheiro tão parecido de nossos corpos debaixo dos lençóis tinha algo de obsceno. Mas eu queria fazer-lhe companhia quando acordava de madrugada, mesmo que a sirene não tocasse. Ou talvez eu tivesse medo de dormir sozinha. Por isso, depois que Gregor partiu, deixei nosso apartamento alugado em Altemesseweg e me mudei para a casa de meus pais. Ainda estava aprendendo a ser esposa e já tinha de voltar a ser filha.

— Mexa-se — me disse, vendo-me procurar uma roupa qualquer para colocar. Ela colocara o casaco sobre a camisola e descera de pantufas.

O alarme não foi diferente dos anteriores: um longo grito que soava como se fosse durar para sempre, mas no décimo primeiro segundo diminuía o tom, esmorecia. Depois continuava.

Todos os alarmes até então haviam sido falsos. Todas as vezes corríamos pelas escadas com as lanternas acesas, ainda que houvesse ordens vigentes para que não se acendessem luzes. No escuro, tropeçaríamos e machucariamos os outros condôminos, que estavam indo direto para o porão também, cheios de cobertas, e filhos, e cantis de água. Ou sem nada: em choque. Todas as vezes, encontrávamos um lugar apertado e nos sentávamos no chão, debaixo de uma pequena lâmpada acesa que pendia nua do teto. O chão era frio, as pessoas amontoadas, a umidade entrava pelos ossos.

Abarrotados um por cima dos outros, nós, que vivíamos na Budengasse, 78, chorávamos, rezávamos, pedíamos ajuda, urinávamos em um balde muito perto do olhar dos outros ou segurávamos, apesar das dores na bexiga; um menino havia mordido uma maçã e um outro a roubou, deu mais mordidas do que podia antes de a tomarem com um bofetão, tínhamos fome e ficávamos em silêncio ou dormíamos, e ao amanhecer saíamos com as caras amarrotadas.

Logo a promessa de um novo dia seria derrubada pelo gesso azul de um prédio senhoril na periferia de Berlim, até fazê-lo brilhar. Escondidos dentro daquele mesmo edifício, não perceberíamos tanta luz, e de forma nenhuma teríamos acreditado.

Naquela madrugada, correndo pelas escadas, de braços dados com a minha mãe, eu me perguntava que nota era o som da sirene antiaérea. Quando era menina, eu havia cantado no coral da escola, a professora elogiava a minha entonação, meu timbre vocal, mas eu não havia estudado música e não sabia distinguir as notas. No entanto, enquanto me acomodava ao lado de Frau Reinach com seu lenço marrom na cabeça, enquanto olhava os sapatos pretos de Frau Preiß deformados pelo dedão, os pelos que saíam das orelhas de Herr Holler e os dois minúsculos incisivos de Anton, o filho dos Schmidt, enquanto o hálito de minha mãe, que me sussurrava: “Está com frio? Se cobre”, era o único cheiro obsceno e familiar a que poderia me agarrar, nada me importava, a não ser saber qual nota correspondia ao toque prolongado da sirene.

O zumbido dos aviões afastou em um lampejo todos os pensamentos. Minha mãe me apertou a mão, a unhas serraram minha pele. Pauline, três anos recém-completados, levantou-se. Anne Langhans, sua

mãe, tentou puxá-la para si, mas, com a obstinação de seus noventa centímetros de altura, ela se desvencilhou. Olhava para cima, jogando a cabeça para trás e girando-a, como se procurasse a origem daquele som ou seguisse a trajetória do avião.

Depois o teto tremeu. Pauline caiu e o chão balançou, um assobio agudo encobriu todos os outros barulhos, até os nossos gritos, o seu choro. A pequena lâmpada se apagou. O estrondo encheu o porão o suficiente para lhe curvar as paredes, e o movimento do ar nos jogou de um lado para o outro. No fragor da explosão, os nossos corpos se debatiam, se retorciam, escorregavam, enquanto as paredes lançavam escombros.

Quando o bombardeio cessou, os soluços e os gritos chegaram abafados aos tímpanos afetados. Alguém empurrou a porta do porão: estava bloqueada. As mulheres gritavam, os poucos homens que havia encheram a porta de chutes até conseguirem abri-la.

Estávamos surdos e cegos, o pó havia mudado nossas feições, tornara-nos estranhos até mesmo aos nossos pais. Procurávamos por eles, repetindo: “Mamãe, papai”, incapazes de pronunciar qualquer outra palavra. Eu vi apenas fumaça. Depois, Pauline: seu rosto sangrava. Rasguei a bainha da minha saia com os dentes e estanquei, amarrei a faixa de pano ao redor de sua cabeça, procurei sua mãe, procurei a minha, não conseguia reconhecer ninguém.

O sol chegou quando todos já haviam se arrastado para fora. O nosso prédio não tinha se destroçado no chão, mas no topo havia um buraco enorme; já o prédio da frente tinha sido destelhado. Uma fila de feridos e mortos jazia na rua. Com as costas contra a parede, as pessoas tentavam respirar, mas a garganta queimava por causa do pó. O nariz tampado. Frau Reinach tinha perdido o lenço, os cabelos eram tufo de um nevoeiro denso germinados na cabeça como praga. Herr Holler mancava. Pauline tinha parado de sangrar. Eu estava inteira, não sentia dor nenhuma. Minha mãe estava morta.